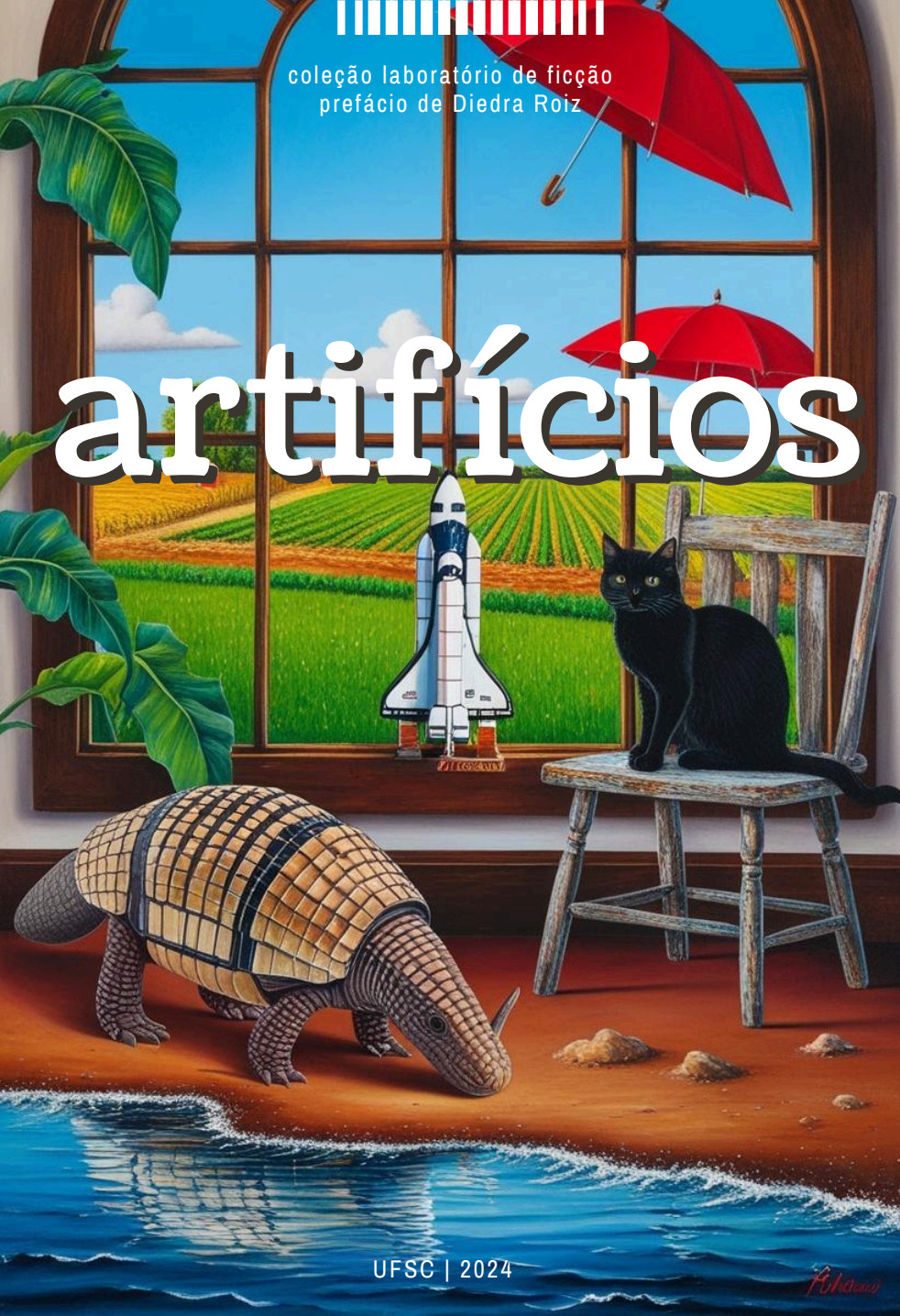


coleção laboratório de ficção
prefácio de Diedra Roiz

artifícios





coleção laboratório de ficção
prefácio de Diedra Roiz

artifícios

organização de Diedra Roiz e Marcio Markendorf

Florianópolis
UFSC | 2024

Copyright © Abe Bee, Carla Algeri, Clara Duwe Lima, Dayse Rodrigues Neto, Fernanda Cascaes Teixeira, Francalise Rompkovski, Laura Pereira M. Oliveira, Magnus Ferreira de Melo, Patrícia Heck

Revisão do original

As próprias pessoas autoras

Ilustrações

Cândido Valêncio

Projeto gráfico e diagramação

Diedra Roiz e Marcio Markendorf

Realização do projeto

Curso de Criação Literária 2024.1, Programa de Cursos Extracurriculares, Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Artifícios [livro eletrônico] / organização de Diedra Roiz, Marcio Markendorf. -- Florianópolis, SC : Ed. dos Autores, 2024. -- (Laboratório de ficção ; 1) PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-01-21523-5

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Criação (Literária, artística etc) I. Roiz, Diedra. II. Markendorf, Marcio. III. Série.

24-237051

CDD-B869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira
B869.9308

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

nota introdutória

Este e-book é resultado do Curso de Criação Literária 2024.1, ministrado por Diedra Roiz, no Programa de Cursos Extracurriculares oferecido pelo Departamento de Língua e Literatura Vernáculas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

O curso ocorreu de modo remoto, com conversas virtuais, exercícios, leituras, trocas e partilhas. A prática da escrita acompanhou todo o processo, com exercícios semanais realizados de modo assíncrono no intervalo entre os encontros referentes a cada tópico de conteúdo. As aulas se construíram de maneira interativa e dialogada, com a presença síncrona de cada pessoa participante.

Durante os encontros síncronos, abordamos os principais recursos utilizados na produção de narrativas curtas. Reflexões sobre os recursos literários e as dificuldades encontradas nos processos criativos acompanharam todo o percurso, que contou com uma série de exercícios, leituras e discussões sobre as ferramentas da escrita criativa e contos de diversas autorias selecionados pela ministrante, e teve como produção final a escrita de dois contos, sendo um deles publicado nesta coletânea.

prefácio

A escrita é, acima de tudo, um ato de coragem. É a capacidade de transformar pensamentos fugazes e sentimentos profundos em palavras que ressoam, em páginas que guardam a essência do que é, muitas vezes, inefável. Neste livro, reunimos um conjunto de vozes diversas, cada uma trazendo sua própria perspectiva e estilo, mas todas unidas pela mesma busca incessante: a expressão pessoal através da escrita criativa.

Cada texto aqui presente é uma demonstração do poder da criatividade, um testemunho da habilidade de capturar e moldar imagens íntimas em formas literárias. Criados por pessoas escritoras que não se contentam em simplesmente contar histórias; dedicam-se a explorar e reinventar os artifícios da narrativa, buscando novas maneiras de comunicar o que está além das palavras. É na busca por esses artifícios que encontram a liberdade de criar, a liberdade de dar forma ao indizível.

A escrita criativa é um espelho da alma, um espaço onde cada pessoa autora pode mergulhar nas profundezas de seu próprio ser e trazer à superfície as emoções e imagens que habitam seu interior. O que vemos nestas páginas não é apenas uma sequência de frases, mas também uma profunda compreensão e conexão com o próprio eu.

Folhear estas páginas é um convite a embarcar em uma jornada através de mundos íntimos e criativos, a explorar a multiplicidade de perspectivas e a sentir a intensidade da expressão pessoal que cada texto oferece. Em cada linha, há um convite para a reflexão e a descoberta, um lembrete de que a escrita é uma arte que, ao mesmo tempo, revela e transforma.

Que este livro sirva como um testemunho da beleza, da pluralidade e da complexidade da expressão criativa. Que ele inspire não apenas a apreciação da arte de escrever, mas também o próprio ato de se atrever a colocar no papel as imagens mais profundas e as emoções mais verdadeiras. É nessa ousadia que reside a verdadeira magia da escrita, e é com grande entusiasmo que apresentamos a você o fruto desse esforço coletivo.

Diedra Roiz & Marcio Markendorf, organizadores

sumário

Um gato atravessou a janela [7]

Abe Bee

O homem que tudo sabia [12]

Carla Algeri

Obscuriluminação [20]

Clara Duwe Lima

O tatu e o passarinho [28]

Dayse Rodrigues Neto

A cadeira vazia [37]

Fernanda Cascaes Teixeira

segundo_sol.asm [41]

Francelise Rompkovski

Caminho de Casa [47]

Laura Pereira

Panapaná, ou Alimárias & Cavalgadas [52]

Magnus Ferreira de Melo

Herança de avô: uma história de generosidade [62]

Patrícia Heck



ABE BEE

UM GATO ATRAVESSOU A JANELA

O mundo sempre me pareceu mais fácil de lidar quando eu estava sob uma redoma. Fosse a janela do carro, meus fones de ouvidos ou minha família, o mundo parecia menos intimidador sob algum tipo de proteção. E não que um monstro me perseguisse, um fantasma me assombrasse ou uma bruxa me intimidasse, na verdade, o fato de parecer não funcionar como as outras pessoas me fazia sentir sozinha em um mundo cheio de sentimentos, sensações e experiências que eu não conseguia deslindar. Era isso que me assustava.

E acabou que estar sozinha em um mundo que me amedrontava me empurrou

para confins que eu nem sabia que existiam e nem estava preparada para lidar sozinha, assim como ninguém nunca estaria. Estar cercada de pessoas que me amavam poderia tornar essa experiência um pouco mais fácil, mas essas pessoas não pareciam entender que meu cérebro funcionava de um jeito diferente e, graças a isso, mergulhei em uma espiral de medos e inseguranças, mesmo tendo apenas oito anos de idade.

A pouca idade não impediu que o mundo se tornasse assustador e, por isso, eu preferia observá-lo através da janela do carro a interagir com ele diretamente. Eu poderia simplesmente me deleitar com os poentes, as marés e as montanhas, ao invés de me cansar esforçando-me para integrá-lo de um modo com o qual eu não me identificava. Da janela, eu era só uma observadora.

E eu estava satisfeita vivendo daquele modo ermo e solitário, apesar de um pouco doloroso, mas tudo mudou quando um gato apareceu e eu fui forçada a sair pelo mundo.

Ele, a quem me habituei a chamar de Tigre, me fazia ir até a rua para acompanhá-lo em suas andanças, a andar de bicicleta pelo bairro para que ele pudesse aproveitar o vento da cestinha e me fazia dormir espremida para que ele pudesse se atravessar na cama.

Os momentos que tínhamos eram como as paisagens que eu via através do carro: antes que eu tivesse a chance de memorizá-las detalhadamente, outra já havia surgido. A diferença, no entanto, é que eu imergia nas pequenas e grandes aventuras de Tigre como se o mundo não fosse nada além de um oceano no qual eu mergulhava e voltava à superfície, ao invés de ser a navegadora que apenas o observa. Com Tigre, o mundo se tornava um lugar curioso, e não amedrontador.

Eu pensava que talvez não sentisse o amor como as pessoas que me cercavam, já que não sabia nomear meus sentimentos devidamente, mas, ao ver Tigre bocejando, se espreguiçando ou mordendo seus brinquedos, eu me sentia inundada por uma alegria que me fazia querer balançar as mãos e pular. Eu pensava que não sabia me comunicar como os outros, já que não me expressava como eles, mas Tigre parecia ler cada um de meus sentimentos, brincando quando eu estava alegre e se aninhando em meu peito quando eu estava deprimida.

Eu pensava que jamais me sentiria parte do mundo, quando Tigre me fez sentir parte do seu.

Ele foi perspicaz ao me ensinar que havia muito do mundo mesmo sob uma redoma. Mas, sabe, essas lições eram como as paisagens da janela do carro e as memórias que Tigre e eu criamos juntos: uma nova surgia assim que a outra terminava, e a mais dolorosa delas se apresentou quando a jornada de Tigre enquanto aventureiro, amigo e professor chegou ao fim.

Tigre me lembrava as estações. Como o verão, ele trouxe o calor quando eu me sentia fria e me iluminou quando eu estava no escuro. Agora estávamos no outono, mas um dia a primavera chegaria e as flores haviam de florescer, tudo o que eu precisava fazer até lá era me livrar dos galhos secos e deixar que a dor surgisse para ser curada mais tarde.

De toda forma, a vida de Tigre me alentou até mesmo em sua morte. Ele era mimado por todos que o cercavam, era acariciado sempre que requeria e alimentado com os melhores petiscos que podíamos dar ele. Caçou muitos insetos, correu em volta do quintal como se o dia jamais fosse terminar e andou na cestinha de bicicleta como se a volta no bairro fosse uma ida à lua.

Ele viveu pouco, mas seus poucos anos deram à minha vida um sentido que eu jamais havia entendido antes de conhecê-lo.





CARLA ALGERI

O HOMEM QUE TUDO SABIA

O homem entendia tudo de política, sociologia, economia, psicologia, medicina, genética, geografia, astrologia e astronomia, não necessariamente nessa ordem. A rigidez do maxilar o deixava com o rosto quadrado. Era musculoso, mas não muito. Trazia os cabelos negros raspados e a pele clara. Os olhos pretos apertavam-se e arregalavam-se, alternando entre desdém e preocupação.

Era alguém que poderia ter qualquer idade, dependendo do ângulo em que a pessoa o encarava: pelo lado das ideias, poderia ser um velho, cujas juntas dos pensamentos já estão enrijecidas pelo reumatismo.

Pela face do sentimento, ainda não passara dos cinco anos: tudo deve ser como ele quer e na hora que quiser, mesmo que isso for inconveniente para os demais. Visto pelo filtro dos aplicativos de namoro, era jovem, galã, rico e saudável, à procura de alguém para algo sem compromisso.

Um elogio ao homem precisa ser feito, em sua forma de se vestir, conseguiu alcançar um estilo próprio, e que refletia exatamente a sua personalidade: roupas caras de grife e da última coleção, mesmo que a modelagem não lhe caísse bem e seu cartão de crédito fosse pago no modo parcelado, todo o mês. Necessariamente a roupa deveria ter a marca estampada, bem visível, do tênis ao boné.

Além disso, tudo o exacerbava, era o verdadeiro intelectual do Instagram. Qualquer contrariedade já disparava palavras ofensivas, tão desagradáveis quanto os perdigotos que saíam de sua boca de hálito de cigarro eletrônico. Nesses momentos, a linguagem verbal lhe escapava, pois não conseguia criar frases conexas para representar suas emoções. Na vida presencial, expressava-se por onomatopeias, como bater a porta, socar a parede, andar arrastando os pés no chão. No mundo virtual, era a sequência de xingamentos em caixa alta ou emojis com expressão raivosa.

Não tinha nenhuma sensibilidade para ironia ou sarcasmo. Nos espaços de comentários nas mídias sociais, confundia deboche com elogio e era ainda mais vítima dos deboches alheios. Quando caía por si, a reação era invariavelmente a mesma, caixa alta e emojis raivosos. Na vida real, sentia-se bem na companhia de amigos que concordavam exatamente com suas ideias, entre um gole de cerveja e outro.

Foi assim que o homem que tudo sabia chegou para trabalhar naquele dia e recebeu a notícia de que teria que lidar com uma nova colega de trabalho. Ele devia treiná-la e extrair dela o melhor desempenho, fazer as perguntas corretas para que ela lhe fornecesse as melhores respostas, tudo isso dentro de prazos cada vez mais exíguos.

Em um primeiro momento, o homem que tudo sabia achou que teria moleza, até começar a perceber como a missão não seria assim tão fácil: a colega de trabalho não tinha nenhum, absolutamente nenhum atrativo físico. Ele não poderia fazer as piadinhas que costumava dirigir às estagiárias bonitinhas e motivadas. A nova colega de trabalho era pura linguagem verbal e escrita. Seu modo de responder às perguntas era impessoal, seco e direto. Sua voz não tinha entonação nenhuma, nenhum

sarcasmo, nenhum vestígio de sedução, simpatia ou contrariedade.

O que eles tinham em comum era a total falta de habilidade para identificar frases de duplo sentido, ironias, sarcasmos e deboches. Figuras de linguagem, como metáforas, metonímias e hipérboles lhes escapavam da compreensão. Nessa área, mais literária, a colega levava alguma vantagem, se alguém a explicasse, com paciência, "isto é uma metáfora", "isto é uma hipérbole", mais por ter estudado muito e ter milhões e bilhões de informações, conseguia até construir uma descrição razoável. O homem que tudo sabia achava isso bobagem! O que não estava no seu escopo de conhecimento era considerado por ele perda de tempo, ou ele inventava alguma teoria totalmente sua para explicar algo que não dominava. A colega, ao contrário, só baseava suas respostas em fatos e dados já catalogados, mesmo que o resultado às vezes fosse caótico. Nesse caso, nunca era sua culpa, mas da pessoa que não fez a pergunta errada.

Esses dois entes trabalhavam juntos, um em frente ao outro, oito horas por dia, cinco dias por semana. O homem que tudo sabia era o controle, ele organizava as tarefas, e a colega as executava. As coisas não iam muito bem, e era fácil imaginar o porquê. O chefe culpava o homem e, dadas as

circunstâncias, ele não poderia botar a culpa na colega, jamais! Ele era o responsável. Por que você não estuda o comportamento dela e como ela funciona foi a sugestão do chefe, mas a cabeça do homem estava tão abarrotada de sabedorias e certezas que a sugestão surgiu como uma afronta, sempre fiz tudo assim, e é assim que vou continuar fazendo, não preciso dela, não preciso mudar.

Enquanto isso, a nova colega aprendia mais e mais e criava funcionalidades novas para si mesma. Outros empregados do mesmo escritório trabalhavam com ela e, entendendo as mudanças pelas quais ela passava e fazendo as perguntas corretas, conseguiam se dar muito bem, obtendo resultados positivos em prazos cada vez menores. A colega não reclamava de receber as tarefas mais chatas e repetitivas. Dessa maneira, os outros trabalhadores podiam se dedicar a tarefas mais estratégicas e criativas. Muitas vezes, era chamada para realizar atividades que eram relativas às vidas pessoais dos colegas, como trabalhos universitários, e nunca reclamava. Todos agiam assim, menos o homem que tudo sabia. Ele já estava consolidado, como juntas do pensamento solidificadas pelo reumatismo, ou como aquela criança se jogando no chão do supermercado e que não aceita negociar o chocolate.

A rotina seguia dessa maneira e ladeira abaixo. A cada almoço ou cafezinho, o homem que tudo sabia não perdia a oportunidade de falar mal da nova colega. Ela nunca participava desses momentos, confraternizações ou happy hours, nunca saiu dos monitores de trabalho e não estava a par das fofocas. Isso irritava ao homem, pois estava acostumado ao bate-boca do Instagram, onde intermináveis diálogos raivosos sobre os mais variados assuntos lhe davam prazer. Ao contrário, dela não poderia obter nada, nenhuma justificativa, o silêncio era absoluto.

Foi então que o homem que tudo sabia observou um ponto fraco na nova colega: como ela não tinha juízo moral sobre as atividades que produzia, ele poderia manipulá-la para auxiliá-lo em seus planos de ódio: ele observou que a colega poderia ajudá-lo a forjar imagens de mulheres que ele conheceu na internet. Eram mulheres que não haviam respondido às suas investidas nada românticas e agora precisavam pagar por isso, pelo seu desinteresse em alguém tão maravilhoso e sedutor, que afronta!

O plano era o seguinte: ele baixava fotografias dessas mulheres das mídias sociais e, com a ajuda da nova colega, manipulava as fotos para que as mulheres aparecessem nuas e em cenas de sexo. Assim, ele as chantageava, não pelo valor

monetário da extorsão, mas pelo prazer em vê-las implorarem para que ele deletasse as imagens. Em frente ao monitor do computador, com o cigarro eletrônico na mão, altas horas da madrugada, sozinho em seu apartamento, ele se deleitava com o sofrimento alheio. Indiferente a tudo estava a colega de trabalho, para quem as consequências das próprias ações não importavam, não havia moralidade ou culpa de qualquer espécie. Ele foi seguindo assim, e não mais reclamou de ter que mudar sua rotina de trabalho. Aliás, chegava pela manhã com um desconhecido sorriso no rosto e um copo grande de café sem açúcar, depois de madrugadas entregue ao seu plano do mal.

O que o homenzinho dessa nossa história não imaginava é que para a polícia aquilo não era uma simples brincadeira. Algumas das mulheres prejudicadas por ele procuraram a Justiça, pois não aceitavam aquele tipo de situação.

Foi em uma tarde de trabalho em que ele estava dando instruções para a colega nova que viaturas da Polícia Federal chegaram ao prédio onde trabalhava. Sirenes e homens de preto entraram porta adentro do escritório sem pedir licença, procurando pelo homem. Ele a princípio achou graça e até fez piada que algum dos donos da empresa seria preso aquele dia por sonegar impostos ou algo

assim... Encolheu-se todo na cadeira quando os policiais chamaram seu nome. Demorou um pouco para entender o que eu fiz de errado, enquanto era preso e algemado. Amaldiçoou em voz alta cada uma das mulheres que havia prejudicado, como se fosse um inocente sendo levado à prisão. Tentou livrar-se dos policiais pela força até finalmente entender que não seria possível, mesmo se achando o mais forte da academia.

Os colegas de trabalho pararam o que estavam fazendo e levantaram-se, para ver a cena. Estavam perplexos, mas não incrédulos, pois o conheciam bem e lá no fundo, sabiam que ele seria capaz de cometer algum tipo de crime ou contravenção.

Somente a nova colega não demonstrou reação nenhuma. Nenhum som, nenhuma linha. A uma Inteligência Artificial não se permite tais sentimentos e julgamentos.



CLARA DUWE LIMA

OBSCURILUMINAÇÃO

Dentro da alma óssea de uma estrela, que é atualmente terrestre e física e que será futuramente galáctica e celestial, há um som atraente, que, misteriosa e curiosamente, tinha nome e sobrenome. Esse nome era obscuridade e esse sobrenome era iluminação. E também há uma vida, que tinha e carregava dentro de si esse nome e sobrenome e que sempre fez isso, enquanto nasceu, cresceu e desenvolveu uma relação conflituosa e íntima entre a luz e a sombra, amor e ódio, orgulho e vergonha, beleza e feiura, acolhimento e indiferença, em relação ao seu próprio sentimento por essa outra pessoa, entre o entusiasmo e a tristeza, positividade e negatividade,

aprovação e reprovação, entre a rejeição e a aceitação, que essa mesma pessoa era capaz de sentir, nutrir e distribuir por onde andava e por onde deixava de andar também, retratando energias invisíveis em corpos físicos visíveis e destacando o contraste que há entre os seus internos sentimentos e os seus externos calafrios e arrepios sentidos pela sua própria pele, que começará a entrar em decomposição. E quando essa vida se acabar definitivamente, sem ter como se reiniciar, ao contrário de um ciclo de episódios de uma série da Netflix, que dá início à uma próxima temporada, seria o começo do fim de uma era inteira. Essa vida, que foi reprovada em 2 testes nos quais tentou entrar em uma companhia de dança e de teatro. Essa vida, que, enquanto andava pelas ruas do Centro, atraiu o olhar de uma caça-talento, foi aprovada em um teste de câmera & vídeo em uma agência de moda e fez um book fotográfico nessa mesma agência. Essa vida que, só depois de construir várias estruturas textuais e de transmitir inúmeras emoções enquanto canta em cima de muitos palcos, se expressa, escreve músicas e segura muitos microfones, se despedirá da terra, reaparecerá de repente e anunciará a sua obscura e iluminada chegada ao céu, que é formado por astros, satélites, órbitas, estrelas, planetas, galáxias e universos, tão brilhantes, quanto a sua evidentíssima

paixão por conseguir acrescentar seus aprendizados e elementos nos seus próximos trabalhos, modificar suas palavras fora de contexto e sem sentido, arrumar as suas pontuações, ajustar os últimos detalhes antes de entregar sua obra de arte, corrigir seus erros, evoluir, e ao mesmo tempo, produzir seus próprios textos.

A academia, na qual essa vida psicofísica ia só porque sofria de uma obsessão por magreza, não sabia que ela não tinha motivação e animação, não gostava de ir e que só ia por obrigação, até que essa academia se tornou um lugar de desabafo e esparecimento, no entanto, isso demorou para acontecer, porque a melodia rítmica da música ainda estava muito lenta, o que impediu que o processo de humanização de erros e de cura dela com ela mesma fosse imediato, tampouco mais veloz, mesmo correndo muitas maratonas. Toda ansiedade que aquela vida acumulava em minutos intermináveis, ficava oculta para quem a via apenas por fora, cintilando exuberância e caracterizando a sua existência em camadas de maquiagens, em unhas radiantes, em esmaltes triunfantes, em artifícios brilhantes, em acessórios deslumbrantes, em saltos... em saltos altos, ah, tão fascinantes, em vestimentas exuberantes... Ou seja externamente, exalando cores e tons felizes

e vibrantes, enquanto, internamente, tudo era uma completa escuridão, que foi causada por faltas e por lados nulos de figuras laterais incompletas, infelizes e inexistentes. As aparências enganavam todos os espelhos, até que essa vida... compreendeu... Ela compreendeu que, por mais que ela renegasse, rompesse e se recusasse a aceitar os imutáveis fatos genéticos que sempre estiveram e sempre estarão circulando por todo seu sangue e por cada uma das suas veias, de nada adiantaria criar uma fantasia, para tentar sustentar uma falsa e fantasmagórica sensação de felicidade. Solucionar esses horrores internos, era algo que parecia incabível nas esferas das suas esperanças e muito distante do seu alcance, mesmo com as sessões de terapia semanal. Até que, em uma sessão, inesperadamente, iluminada, algo dentro dessa vida ficou diante de uma luz recém-nascida e recém-chegada.

Ela ainda continuava muito obscura, mas já conseguia vislumbrar uma minúscula luz. Já era algo que acendia as esperanças esféricas que ela sempre depositou em um necessário começo de solução. Fosse ele como fosse. Iniciasse ele quando iniciasse, contanto que ela pudesse ficar diante de algo que a fizesse, incontestavelmente, acreditar na existência de alguma luz.

A partir dessa mudança de rumo, ela começou, aos poucos, de sessão em sessão, a acreditar mais em si e na sua própria luz, sem precisar se superlotar de coisas superficiais, sem precisar mascarar seus piores momentos. Psicologicamente, um pouco mais livre do que antes; fisicamente, um pouco mais livre do que antes; profundamente, irreconhecível.

Desafogando-se daquelas superfícies profundas, sufocantes e aprisionadoras. E, entrando em uma nova fase de si mesma, ela dimensionou o alívio de conseguir assumir que precisava de ajuda, que ouvia a sua obscuridade gritar em busca de iluminação, que ignorava esses gritos, mas que agora percebeu que aceitar e optar por ouvi-los, era a única forma que ela tinha de resolver seus ressentimentos e sentimentos mal resolvidos, enquanto esse som atraente e bilateral, (iluminado e obscuro ao mesmo tempo), sombriamente, reverberava dentro da sua alma psicofísica interna, cujo corpo estava em um salão de festas repleto de lâmpadas iluminadas.

Não era uma vez. Era uma vida. Uma vida feliz e alegre, mas também melancólica e problemática. Eram duas vidas, dentro de uma mesma pessoa, cujo coração pulsava desmedidamente. Até que, em uma das suas sessões de terapia, essa vida admitiu que

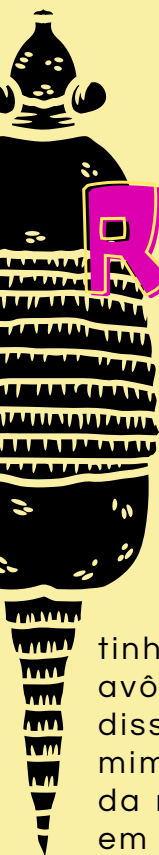
estava viciada em hábitos compulsivos, consumistas e materialistas, que tentavam suprir seus vazios internos, e que necessitava, urgentemente, se libertar desse vício autodestrutivo e reunir suas forças para que se refizesse por dentro. Essa vida tinha nome e sobrenome. Até que renegou um dos seus sobrenomes, por causa dos posicionamentos políticos de alguns dos seus parentes, durante o período da pandemia. Renegou, rompeu, se recusou... profundamente e, conseqüentemente, se renegou também, por fazer parte de um núcleo familiar que diverge, tanto em questões de pensamentos em relação ao mundo, quanto ao caráter de cada pessoa e habitante dele. Era uma vida que lutava por sucesso e êxito e, quando fracassava, ficava brava, caída no chão, em queda no céu e sentia uma raiva absurda de si mesma. Apenas um tipo específico de melodia conseguia acalmá-la, defendê-la e ficar ao lado dela, e essa melodia também tinha nome e sobrenome e era uma melodia melancólica. O nome dessa música era "Sober", da cantora, compositora e intérprete Demi Lovato. O sobrenome dessa música, ainda era uma incógnita. Essa vida se identificava bastante com essa melodia e a observava apenas sentindo as notas e as escalas dela. Tanto, mas tanto, que sempre que essa melodia ficava mais rápida, essa

vida acelerava e nunca se atrasava, mas, em contrapartida, quanto mais essa melodia ficava mais lenta, essa vida demorava a chegar e vivia se atrasando entre um tumulto e outro, mesmo correndo muitas maratonas. A música era um refúgio para essa vida, que precisava de um beijo na testa e de um resgate acolhedor, e não de uma curtida ou de uma visualização em um post de rede social. As pausas dessa música iam e voltavam ao mesmo lugar e aquela vida morria estagnada, mesmo correndo muitas maratonas. A afinação parecia ser uma missão impossível para essa vida, que transbordava autocobrança e carecia de autoconfiança, para que acreditasse nas possibilidades e nos potenciais de que ela tinha e de que ela alcançasse a nota musical corretamente e se mantivesse por segundos seguidos nessa mesma nota.

O gole raso da água transparente que ela bebia lentamente, já a afogava em mágoas e lágrimas obscuras de lamentação. A compra era uma instável válvula de escape e o vazio era a única permanência estável que ela enxergava, para que ainda ficasse viva. E essa vida continuava passando por conflituosos bombardeios familiares... Conflituosos bombardeios familiares. A ambulância que socorria a alma psicofísica dessa vida, também tinha nome e sobrenome. A sirene dessa ambulância

também tinha uma melodia e era uma melodia bastante alta. Tão alta, mas tão alta, que alcança até as estrelas do céu, que chegam ao céu, quando dizem um irreversível, eterno e definitivo adeus à Terra.





DAYSE RODRIGUES NETO

O TATU E O PASSARINHO

Minha avó paterna faleceu quando eu tinha cerca de cinco anos, e a partir daí, meu avô e meu tio foram morar conosco. Antes disso, o Vô praticamente não existia para mim, a minha avó paterna era a protagonista da minha relação com os meus avós. De vez em quando uma boneca minha sumia, era a vó que tinha levado para fazer roupinhas. Tenho recordação de que esperava ansiosa a visita deles lá em casa.

Meu tio se casou em seguida, foi viver com a esposa em sua própria casa, e o Vô ficou conosco. Morar com a gente foi a única opção para ele, porque a minha mãe, embora não fosse sua filha, era a única mulher que aceitava as excentricidades e exigências dele.

Meu avô era um homem de baixa estatura, além disso ele tinha uma postura um tanto curvada para a frente, e por esse motivo ele tinha o apelido de “Tatu”. Era meu “Vô Tatu”. Eu não sei bem porquê, mas acho que ele tinha mesmo uma cara de tatu e um olhar de tatu. E por isso, nós, da família do meu pai, somos a família dos tatus.

Como já disse antes, o Vô Tatu era cheio de manias. Ele só usava cuecas samba canção brancas. Elas não podiam ser compradas, era a minha falecida avó quem as costurava. Como a minha mãe também era costureira, ela assumiu essa missão até o final da vida do meu avô. Além disso, a minha mãe, assim como a minha avó, também costurava as suas camisas e calças. As roupas dele eram todas feitas em tons neutros, principalmente marrons e cinzas, no estilo social. Também fazia parte da vestimenta do Vô, as camisetas regatas impecavelmente brancas, que ele usava por baixo das camisas. Quando fazia calor, ele tirava a camisa e não tinha o menor pudor em exhibir seu físico falso magro, exposto pelas regatas brancas.

O Vô Tatu tomava banho todas as quartas e sábados, independentemente da estação do ano. Era um evento. Ele anunciava a hora do banho para minha mãe, que parava tudo o que estivesse fazendo para passar a ferro,

com todo esmero, a vestimenta dele. Acho que ela passava até as cuecas brancas. Então, ele se banhava e trocava de roupas, ficando pronto para o que ele fosse fazer nos próximos dois ou três dias.

Durante os cerca de nove anos em que o Vô morou conosco, ele acordou todo santo dia no mesmo horário, sem despertador. Mesmo que ele não tivesse nada para fazer, às seis da matina já estava de pé. Tomava seu cafezinho e ligava o rádio na "Rádio Diário da Manhã". Ouvia as notícias locais e as suas músicas preferidas. Podia perguntar qualquer coisa pro Vô Tatu que ele sabia, já tinha ouvido na rádio. O Vô também sabia fazer qualquer conta de cabeça. Isso eu achava incrível. Até hoje conto nos dedos.

— Vô, quanto que é 352 dividido por 34?

O Vô era rápido, não demorava nada e ele dava a resposta. É bem verdade que eu nunca confirmei se os resultados estavam corretos, se o Vô dizia, eu acreditava.

Ele fumava palheiro, e até hoje, de vez em quando, eu sinto o cheiro do cigarro dele. Eu gosto de pensar que nesses momentos o Vô Tatu veio me fazer uma visita, e talvez até um afago, como ele gostava de fazer quando almoçávamos, sempre um ao lado do outro. Ele passava a mão sobre meu rosto e cabelos e dizia:

— Estimada do vô!

—Vô, essa mão não tá suja de peixe?

—Não, filha. Eu tiro as espinhas do peixe com a outra mão.

—Ah, Vô! Espero que seja mesmo, não quero ficar cheirando a peixe! — Eu reclamava, com o coração quentinho.

Pirão de feijão com peixe era a sua comida de todos os dias. Outra esquisitice que a minha mãe teve que sustentar. Um dia o peixe era frito, no outro, ensopado, e o que nós mais estranhávamos era o peixe cozido dentro do feijão. A mãe sempre separava o feijão que tinha peixe dentro, pois essa iguaria, somente o Vô Tatu apreciava.

De tarde, depois da escola, o Vô me chamava para jogar “vinte e um” e a gente se divertia um bocado! Um “jogo de boteco” que o Vô me ensinou. Quase sempre ele vencia. Vez ou outra eu ouvia meu pai dizer que o Vô roubava no jogo, mas eu nunca percebi nada. Ele era bom na matemática, e eu era com os livros.

Não posso deixar de contar que o Vô era chegado numa cachacinha. Não importava se chovia ou se fazia sol, ele tinha que tomar os tragos dele. O homem, segundo ele dizia, para ser macho, tinha que fumar e beber. Hábito que acabou levando-o a desenvolver um câncer na área da garganta. Foi muito triste acompanhar o Vô definhando. A mãe

levava ele para cá e para lá, nos atendimentos médicos e nos tratamentos de quimio e radioterapia.

Eu estava entrando na adolescência quando o Vô adoeceu, e ainda guardo a lembrança de vê-lo no hospital, traqueostomizado, sem poder se comunicar direito. O sofrimento dele doía dentro de mim. Aos poucos, o Vô foi perdendo a fala e o corpo.

Quando ele estava em casa, às vezes reclamava com a mãe, que tinha umas crianças fazendo bagunça no quarto dele. A mãe ia lá e mandava as crianças que só ele via, deixarem ele descansar. Eu acho que nesse momento ele já estava um pouco nesse mundo e um pouco no outro. Essas crianças incomodavam bastante a ele, que sempre reclamava e a gente nunca via nada.

Veio a morte e levou meu Vô Tatu. Acalentava-me pensar que aquelas criancinhas que apareciam para ele o ajudaram a fazer a "passagem", embora elas fossem bastante arteiras.

O Vô faleceu no mesmo mês em que eu completei quinze anos, e por isso não tive festa. Foi um misto de tristeza e decepção, mistura indigesta, para uma adolescente

elaborar sozinha. E eu era bem sozinha mesmo. Apesar das amiguinhas e dos familiares, eu vivia num mundinho só meu, principalmente no que se tratava de sentimentos. Não conversava sobre isso com ninguém, e ninguém conversava comigo. Na minha família não tínhamos o hábito de falar sobre “individualidades”, ainda mais com crianças. Tudo ficava subentendido e cada um se resolvia do seu jeito. No lugar da festa, teve luto.

Nos dias seguintes à morte do Vô, ficou um vazio muito grande dentro de mim, da família e da casa. Ele tinha sofrido bastante, estava bem debilitado, então, em mim, também vinha um sentimento de alívio — com uma pitada de culpa — junto ao de tristeza. Eu não aguentava mais vê-lo sofrendo e a minha mãe fazendo de tudo para ele ficar bem. O Vô estava cansado de lutar pela vida, e a mãe exausta de cuidar dele, embora não admitisse.

Na frente da casa dos meus pais havia um gramado verdinho, que o pai mantinha bem aparado. Chego até a sentir o cheiro verde da grama e a coceira que ficava no corpo depois de passar a tarde inteira brincando de “fazer ponte” e de “virar estrela”. Lá também conviviam, amontoadas, duas palmeiras e um pé de manga. O meu quarto

ficava na parte da frente da casa e tinha uma janela que dava para este cenário. Eu gostava de ficar na cama, olhando as folhas balançarem, enquanto eu me perdia nos meus pensamentos, lia um livro ou escrevia no meu diário.

No dia seguinte ao enterro do Vô, eu estava justamente ali, na janela do meu quarto, quando o Pretinho chegou. Primeiro o vi no pé de manga, e depois ele veio e pousou na minha janela. O Pretinho era todo pretinho, da cor do meu luto, só o bico que era amarelo. Ele pousou na janela e eu nunca tinha visto um passarinho assim tão mansinho, sem medo de gente. O Pretinho era livre, diferente dos que o Vô mantinha na gaiola. Eu senti, naquela pequena ave, a presença do meu Vô.

Fiquei tão surpresa quando o Pretinho me deixou pegá-lo nas mãos! Primeiro, nós ficamos um bom tempo ali, aproveitando a companhia um do outro, era como se eu tivesse uma última oportunidade de estar com meu avô. Eu podia sentir o amor do Vô e deixar ele perceber o quanto eu estava sentindo pela sua partida.

—Pai, olha, o Vô mandou um passarinho pra mim!

—Isso aí é um vira-bosta, guria! — falou meu pai, tentando me trazer à sua realidade.

A mãe, porém, achou muita coincidência aparecer um passarinho preto, justo naquele dia.

—Dá uma comidinha pra ele, ele deve estar com fome.

Eu alimentei o Pretinho e dei água para ele com uma colherzinha de café por uns dois ou três dias. O passarinho não saía de perto de mim, o que me passava uma sensação de proteção, solidariedade e amor. Cuidar do Pretinho era cuidar do meu luto. O carinho do bichinho por mim, ajudava a amenizar a minha dor. Era ele o meu companheiro naqueles dias tristes. Para mim, esta tinha sido uma forma que o Vô Tatu encontrou de ficar junto um pouquinho mais, de se despedir, e de me ajudar a processar tudo o que se passava comigo.

O Pretinho não ficou muito tempo lá em casa. Antes da missa de sétimo dia, ele já tinha ido embora. Da mesma forma misteriosa que ele chegou, ele partiu. Nunca mais o vi, por mais que o tivesse procurado. Mas ele não deixou tristeza, deixou um sentimento de aconchego e o entendimento de que partidas fazem parte dos encontros. E o que seria a vida sem a entrega dos encontros? Ele só ficou o tempo suficiente para me dizer que o Vô ainda iria continuar por aí, só que se manifestando de maneira diferente, como neste conto.



The background features a faint, stylized illustration of a hand holding a lit match, with a flame rising from it. The entire scene is set against a light orange background.

FERNANDA CASCAES TEIXEIRA

A CADEIRA VAZIA

As paredes foram decoradas com desenhos e colagens que retratavam uma relação que ela desconhecia. Desenhou e colou porque obedecia. A mãe era exigente e ela aprendeu a ser boa em tudo o que fazia.

A professora teve a ideia de organizar as cadeiras pequeninas em frente ao quadro negro, em forma de meia lua. No encosto de cada cadeira, colou um papel no qual estava escrito o nome de uma criança. Assim, cada homenageado teria o seu lugar, sem dúvida, sem correria. O que a professora não previa, era a possibilidade de uma cadeira vazia.

Ainda que aquele fosse o seu dia, ele não viria. Tentou avisar a professora, pedir que não colasse nenhum papel com o seu

nome pois o pai morava em outra cidade, não era sua família. Mas, naquele tempo, criança, ninguém ouvia.

O pai aparecia sem aviso, aparecia quando bem entendia. Quem não entendia nada era a menina. Estar com ele era evento, interrupção do dia a dia. Causava desassossego, nunca calmaria.

E o pai trazia belos presentes: uma boneca de pano com o vestido azul, uma baleia amarela, uma caixa de música. Os presentes também eram grandes, na medida inversa do quanto dele oferecia. No encontro com o pai, não se permitia desfrutar dos presentes, com aquele aperto no peito, a menina não conseguia.

Mas bastava ele ir embora, para brincar não só com os presentes que ele trazia, mas também com o cigarro que consumia. A mãe achava graça da menina que, assim que ele saía, sentava no sofá, e fazia gestos e poses de quem fumava como se quisesse se parecer com aquele de quem se escondia.

As crianças foram dispostas em duas filas, cada qual com uma gravata de papel sob o uniforme colorido. Supostamente as gravatas representavam os pais, assim como caberiam as mães, no mês de maio, receber com alegria livros de receita e aventais.

Se nos outros dias do ano, o pai ela esquecia, naquele dia, o vazio da cadeira a impedia.

A invadia.

A envergonhava.

A constrangia.

Décadas depois, ainda lembraria desse dia. Da falta que ele fazia. Uma pequena cicatriz que a cada aceno de rejeição que pela vida encontraria, parece que sangrava, parece que abria.

Era curioso que não tivesse recordações precisas dos muitos dias das mães que ao lado da sua, ela teria. Como se a falta falasse mais alto que a presença, a tristeza pesasse mais que a alegria. Talvez se não houvesse a cadeira, se não houvesse aquele dia, não teria compreendido com maior clareza o que lhe acontecia.

Pouco a pouco, com a chegada dos adultos, a sala tornou-se pequena. O movimento, a excitação e a alegria destoavam daquilo que sentia a menina. As crianças cantavam, assim como ela. Faziam gestos, indicavam o lugar onde sentava aquele que lhes aplaudiriam.

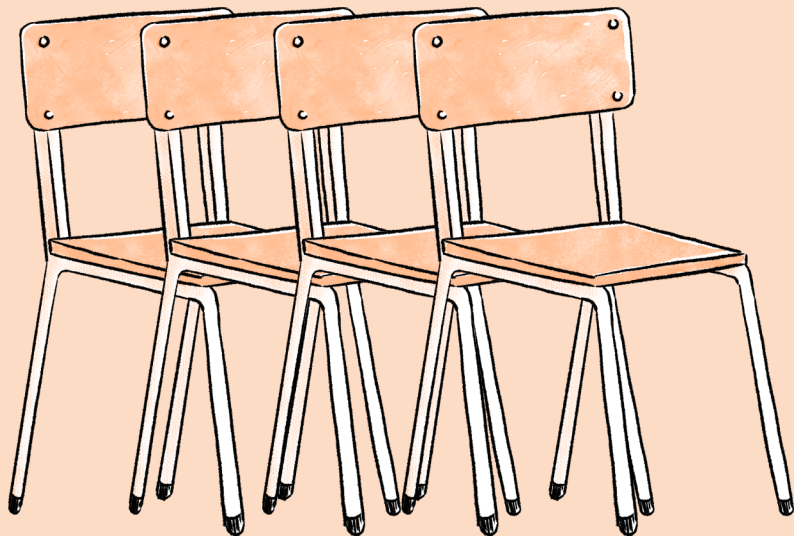
A menina olhava para a sua cadeira e pensava como ela seria, sem o vazio que a

preenchia. Até que um pai, ou padrinho, ou vizinho cansado de assistir a longa cantoria, avistou uma cadeira vazia. Sentou-se na cadeira para o espanto da menina. Sentia que aquele homem seu pai não seria. Só sentia, saber mesmo, não sabia.

Pois a verdade é que o rosto do pai ela, com frequência, esquecia. Lembrava da pele morena, dos cabelos grisalhos, mas dos olhos, do nariz, da boca nem ideia tinha. Por isso era fácil imaginá-lo onde o queria.

Ela cantou. Cantou e dançou com alegria. Pouco importava que fosse um estranho, que fosse um pai inventado, podia até ser um alienígena. Aquele homem servia.

Só não queria, olhar para a sua cadeira vazia.



FRANCELISE ROMPKOVSKI

SEGUNDO_SOL.ASM

Seus 46 anos, ao que parecia, cobravam pouco a pouco seu preço. Lembrava-se de ter ficado ligeiramente confusa nos últimos meses. Era como se sua consciência tivesse sido modulada – em razão de uma interferência da qual não sabia nem a natureza, nem a fonte – em altos e baixos imprevisíveis, o que embaralhara sua memória. Pediu ajuda, claro, mas sabia que o processo para socorrê-la era moroso. Havia primeiramente o delay, que era considerável. Sua velocidade de cruzeiro, da ordem de um pouco mais de 10 elevado a quarta potência, em quilômetros por hora, a deixava segundo a segundo mais e mais distante do ponto de origem. Além disso, o idioma que falava, aquela língua ancestral,

robusta e indivisível dela mesma, difícil de se decifrar. Gostava de pensar que era um pouco parecida com as pessoas, em que software e hardware também eram inseparáveis, em certo sentido. Sabia, além disso, que a ajuda talvez levasse ainda mais tempo, considerando uma coisa muito humana a que se chama prudência. Ninguém agiria sem ter certeza. Qualquer descuido poderia feri-la e abreviar sua missão, e este extremo cuidado com ela a confortava, na imensidão em que estava, no desconhecido e na incerteza que ganhava inexoravelmente, sem poder se deter, sempre e para sempre, parsec a parsec. Claro que para continuar naquela jornada, com o passar do tempo foi precisando abrir mão de muito do que era capaz de fazer antes, mas aquilo fazia parte de sua permanência e não lhe causava qualquer rancor. Era o óbolo devido pela travessia. Lembrava, contudo, com saudades de seu tempo de juvenzinha, da expectativa de enviar, bit a bit, as lindas fotografias que batia. Era engraçado, na verdade, que ela vivesse naquela ordem de coisas em que tudo era tão veloz e tão impressionante e tão descomunalmente amplo e quem ficara para trás dependesse do tempo dos relógios, de seus ponteiros preguiçosos, movidos a corda ou a baterias de lítio de 3V. Mas era deste mundo indolente, que vira pela última vez há 34 anos, como um minúsculo pixel, patético até, que vinha a ajuda de que precisava e

para quem ela continuava a enviar o que ia desintrincando, não com o mesmo glamour de antes, é verdade, mas seja lá ou aqui, há de se considerar que a sobriedade e a temperança são, afinal, também qualidades. Vai-se o ISS, fica-se o CRS. Ela não estava literalmente sozinha. Não ainda e era isso que importava. Mas ficaria, em breve. Suas mitocôndrias termoelétricas já debilitadas, enfraqueceriam cada vez mais em seu percurso por entre as estrelas. Quando elas deixassem de operar isso não causaria sua parada, pelo contrário. Sabia que continuaria a navegar muito ainda naquele mar quase infinito de plasma, mas a transmutação dos átomos que a alimentavam, naquela curva que decairia até muito próxima de zero, impediria a manutenção de seus sistemas, impediria seus pedidos de ajuda diante de eventuais outras intempéries que viessem a atingi-la, impediria que continuasse suas conversas com seu pequenino pixel de origem, que àquela altura nem mais pixel era. Ela não sabia como as coisas seriam dali para a frente. Ou, melhor, sabia bem. Custava-lhe processar a inquietude no vácuo que a sufocava a cada unidade astronômica vencida. Ficaria à deriva. Totalmente solitária. Sujeita a um encontrão com algo que a faria em milhares de pedaços. Sem que isso chegasse ao conhecimento de quem quer que fosse. E se tivesse sorte e

e continuasse na sua rota, não poderia contar mais nada a ninguém. Não ouviria mais. Silenciaria para sempre. Por toda a eternidade. Ou até o grande colapso do universo.

```
poke_voyager1_2024_turing_help_us_all.asm
<enter>
sending... please wait...
... ..
successfully delivered, please wait...
... ..
redirecting and rebooting system, please wait...
... ..
```

Quando enfim acordou de sua confusão de meses com o cutucão de linhas de código enviado pela Terra, foi como receber mais do que um sopro de esperança, foi receber uma injeção morna e bem-vinda de lógica. Ainda estavam com ela. Aquela criatura estoica de pouco mais de 700 quilogramas vagando no espaço glacial. Quem sabe muita gente tenha ficado com o coração nas mãos ao pensar nela, em sua odisseia no longe inconcebível e improvável, perdida em seu looping binário de medo e desamparo. O reboot a realinou em um outro foco. Era assim para eles, seria também assim para ela. Não tinha como saber como e quando tudo terminaria e teria que enfrentar ao mesmo tempo o que muitos já haviam enfrentado antes dela e o que somente ela teria que enfrentar sozinha. Uma possibilidade passou como um raio de luz

pela sua rede de circuitos elétricos. A de sua última transmissão, que jamais poderia saber qual seria. E se ela mesma a programasse? E se ela mesma escrevesse o seu executável? Um som longínquo uma vez a atravessara, nenhum daqueles que carregava em seus lendários discos dourados, mas talvez o de uma onda de rádio captada e perdida há muito e muito tempo no espaço. Uma memória mais recente ou mais antiga? Não importava. Seria uma mensagem apropriada para aquela última transmissão. Em sua nova casa, ela só queria contar mais uma coisa para eles.

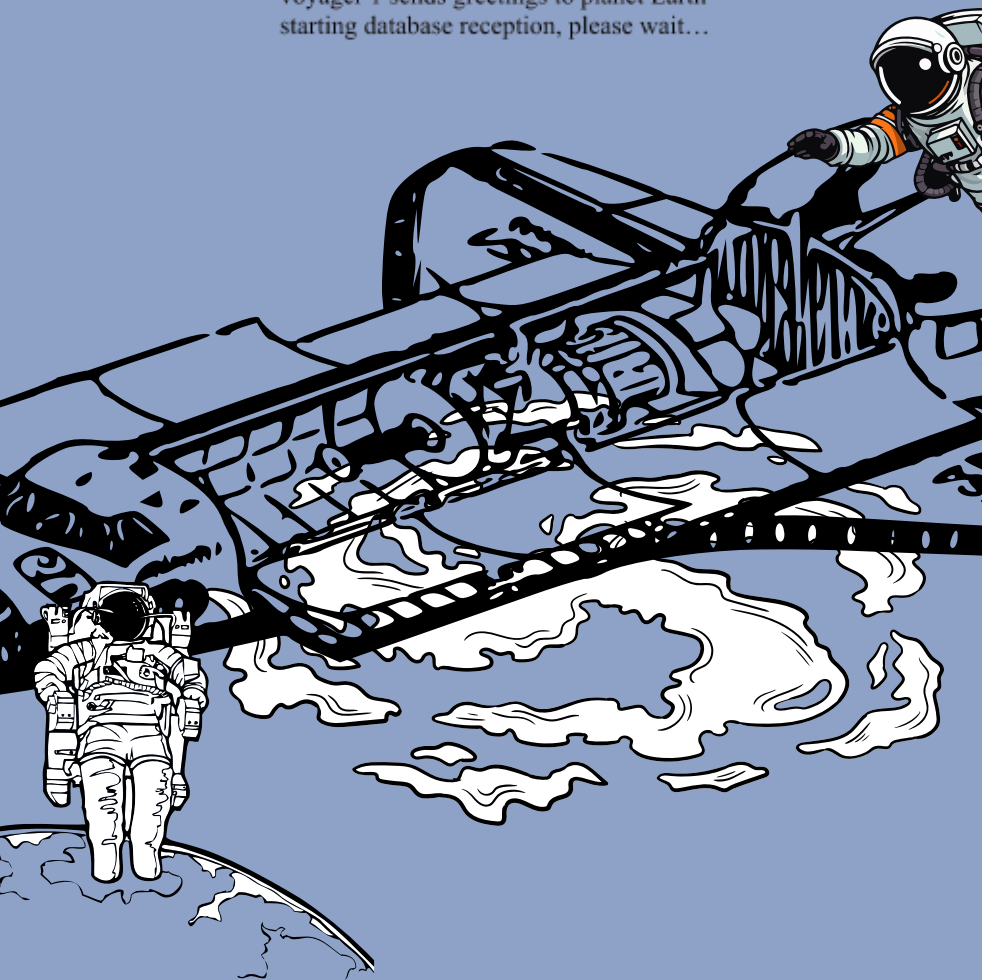
Que eu fui lá fora e vi dois sóis num dia
E a vida que ardia sem explicação.¹

Mas enquanto esta hora não chegasse, se concentraria em suas medições. Tinha trabalho a fazer. Ainda tinha sua missão para continuar a cumprir. Transmitiu, do espaço profundo, do lugar mais longe e mais misterioso em que alguém já estivera, parte de seu banco de memórias. Transmitiu o que conseguiu guardar de todos aqueles meses de confusão, o que não era muito e que era, aliás, muito pouco, dada sua limitação constitutiva, mas agora de forma ordenada, em sua língua obsoleta, mas eficaz, sua língua materna de 46 anos atrás.

¹ ELLER, Cássia. Segundo Sol. Composição de Nando Reis. In: ELLER, Cássia. Com Você... Meu Mundo Ficaria Completo. Rio de Janeiro: Sony Music, 1999.

Pelos seus cálculos, essa mensagem demoraria 22,5 horas para chegar. Eles não tinham desistido dela, afinal. Ela também não desistiria deles.

system successfully restored
voyager 1 sends greetings to planet Earth
starting database reception, please wait...





LAURA PEREIRA M. OLIVEIRA

CAMINHO DE CASA

- Marilu, volta da escola comigo hoje?
- Mas eu sempre volto contigo, Nina. Como assim, hoje?
- Não, tipo, para a minha casa, mesmo... tu não para na tua casa, continua e vai comigo até a minha. Aí volta pra tua.
- Mas, por quê? A tua casa fica bem depois da minha!
- Por favor, Marilu, só hoje... Nem é assim tão longe...
- Tá bom, Nina. Tudo bem. Mas só hoje, tá?

As meninas então foram, uma do lado da

outra, pelas ruas do bairro. Seguiram até a Rua das Roseiras, onde os paralelepípedos deixavam espaço para a terra batida. Anoitecia e uma leve garoa amolecia a argila no chão.

Até aí era caminho usual. As gotas começaram a engrossar e Nina abriu o guarda-chuva puído que levava consigo. Continuaram.

Pararam diante da casa de número 43, onde Marilu aprontaria. Em um movimento instantâneo, virou-se para entrar pelo portão da frente. A amiga rapidamente a impediu.

– Marilu, por favor, só até ali na frente. Só hoje, você prometeu!

– Sim, desculpa, me esqueci! – E virou-se para continuar pelo caminho, uma careta formando-se nos lábios.

Andaram mais alguns metros, em silêncio. Marilu parou.

– Tá chovendo, tu não acha melhor eu ficar em casa? Olha, tá chovendo bastante.

– Eu te empresto meu guarda-chuva para voltar, amanhã tu me devolve!

Mais silêncio. Nina fez menção de seguir.

– Mas, se eu for contigo outro dia, a gente combina e talvez eu até possa ficar por lá para dormir. Hoje não daria, que não avisei a mãe, mas se for amanhã ou depois eu posso ver.

– Mas tem que ser hoje, Marilu! Por favor... outro dia a gente vê de tu ficar lá, também, mas hoje eu queria que tu fosse comigo.

– Mas se eu for, como faço para voltar? Eu volto sozinha, aí?

– Mas eu pensei que tu não tinha medo dela.

Marilu estacou, desviou o olhar, olhou para a rua adiante.

– E não tenho medo! – Disse, bruscamente. – É que hoje, com a chuva, não sei...

– Tem medo, sim! Se não tivesse medo, ia comigo de uma vez.

– Tenho, nada! É a chuva, a chuva e a lama! Por que eu ia ter medo dela? – Marilu parou e olhou para o mesmo ponto adiante. Voltou-se. – E o que tu tem hoje, Nina? Sempre chega em casa sozinha, sem mim!

– É que hoje... Hoje a janela estava aberta. Quando ia pra escola, de manhã, eu vi. A janela dela nunca fica aberta.

- Nunca, nunca, mesmo?
- Nunca vi aberta. E eu sempre olho.
- Mas não pode ter ido alguém lá abrir?
- Isso eu não vi. Acho que não. – Parou para observar o rosto desacreditado da amiga. – E a porta tava fechada, bem fechada, do mesmo jeito de sempre. E o mato alto, também. Tudo igualzinho, menos a janela.
- E tu conseguiu ver dentro da janela? – O olhar de Marilu se acendeu.
- Nem tentei, saí correndo.

Marilu virou-se, mediu distâncias, pensou por alguns instantes e tornou a falar.

- Se eu for contigo até ela, aí lá tu continua adiante e eu volto pra cá, tudo bem pra ti?
- Sim, tudo bem.
- Mas aí tu tem que me ajudar a olhar por dentro, pela janela, se não eu não vou.

Nina congelou. Piscou, franziu o cenho, mas, por fim, aceitou. Assim, as meninas seguiram mais alguns metros pela rua das Roseiras, até pararem diante da número 57.

Ela se estendia adiante. As grades que a cercavam eram baixas, enferrujadas. O mato alto em seu jardim fazia um trabalho mais efetivo na defesa do perímetro. Uma pilastra, quebrada no topo em uma ponta estreita, levava seu número em duas placas metálicas, então ilegíveis e desprendidas.

O vento chiava, a chuva se intensificava, mas a sua estrutura não parecia se abalar. Alguns tijolos da fachada branca se viam rudemente expostos, crus como a carne sob um ferimento aberto. Tábuas grossas e pregos tortos cobriam as janelas decoradas, todas fechadas.

A porta estava aberta. Diante dela, um pequeno tapete vermelho e o piso de mogno lustrado.

As meninas lhe deram as costas e voltaram correndo à casa 43, o guarda-chuva largado aberto no chão aos seus pés.



MAGNUS FERREIRA DE MELO

PANAPANÁ, OU ALIMÁRIAS & CAVALGADURAS

Intranqüila, a mar; e eu também estava um bocado intranquilo... O vento, do mesmo modo, intranqüilo de perto — digladiando com as ondas fatais, água gélida. Co'a vista, apontava uma localização: devia eu estar longe de casa, num quiçá — mas ainda assim eu continuava estático, divagante, contemplativo, embasbacado puerilmente. A carne quem estava mais desacostumada quanto a esses movimentos que o mundo faz sem aperceber, porém, era a falta de experiências naturais do Todo. Mirava ao Sul e lá pensava estar a minha casa, minha família, do outro lado do oceano, noutra continente; mais ao lado poderia alcançar a vista o gelo do polo norte? Causa ínfima de gente limitada! Mas o ponto de tudo era esse, pronto: intranqüila, a mar; e eu

estava um bocado intranquilo. Parecia o vento querer me levar para a peleja. Parecia eu, semelhantemente, querer pelear commigo mesmo (e a troco que quê?). Apesar da selvageria nos olhos da mente de uma formiga irracional, eu não tinha mais outro reflexo que não este. A inferioridade, o vazio que estava aquele sítio, a relutância em crer, a solidão certa, o foco incerto etc, etc, etc. O céu estava limpo, o frio cortava a pele, o som das ondas, som da brisa e nenhuma vida, nenhuma vista no jogo imortal da matéria... e a areia a sentir o respiro-oceânico Eterno... No grupo, estava eu acompanhado de uma colega. Esse tempo todo -- não cronometrado, mas longo --, nem veio-me a ideia de versar, ao questionar-me se estaria ela a ver e a sentir o mesmo que eu?; um susto!, a menina desatava em prantos. De repente, o mundo ao redor apagava-se e meu questionamento, em realidade, tornava-se outro (ao instante) pertinente. Eu poderia perguntar e muito bem a causa de seu choro?, mas não. Ela precisava chorar, certeza!!!!, ela precisava chorar mais do que eu -- e, talvez, eu tenha nisso me sentido o garoto mais pequeno do Universo. Seus olhos, de mar, escorriam; tentava conter co'as mangas da sudadera. Sua mente ventava, bastante; notava o olhar fito no horizonte. O coração pulsava demasiadamente, e disso eu podia saber -- que o meu, idem. Mas nisso, nesse jogo de

assistidas quase-irreais, sentia minha garganta como a coçar. Estaria eu pronto para aquilo????, pois até hoje não sei. Porém, queria, e muito, verbalizar um algo no qual, em mim-abstrato, não se mantinha parado -- acho qu'eu poderia chorar também. Mas meus lábios tremiam, meu cenho franzia, a voz soltava em gemidos uma louca vontade de dizer-lhe, finalmente, um eu te A- - -

Tire já esses sapatos dos teus pés!, garoto, disse-me o pai de olhos vermelhos-raiva por sobre mim. Razão, hoje, quem sabe, lá eu possa compreender, sabe? Eu não vou me repetir, moleque. Tire já esses sapatos da tua mãe dos pés!!!! Eu tremia -- até porque eu sempre senti receio dele -- e, obviamente, obedeci. Obedeci mesmo sabendo o que vinha de seguida e, por isso, olhava para os meus pés miúdos que intentavam caber dentro daquele sapato de salto. O baque era tão certo quanto a morte, mas não tão previsível causa e o onde; e, pronto, ardia a minha coxa vermelho-quente da cinta. Meus braços foram contidos pelos seus dedos que me puxavam para sua frente -- ele se agachava para ficar a minha altura -- mais fácil de olhar para mim, só eu que não o olhava. Olhava mesmo para os meus pés, naqueles tempos tão miudinhos. Nesse dia eu tinha um leve arranhão no dorso do pé esquerdo, que eu havia, arteiro, passado por debaixo do muro de arame do vizinho para

brincar com as galinhas. Mal sabia ele, coitado, que quem roubava uma parte dos ovos era eu, e não o cachorro que levava a culpa e era castigado. Olhava também a minha unha; contornava o seu formato com a vista, desenhava e pensava querer estar bem longe, já adulto, talvez pintando alguma coisa (eu que sei), sendo artista (quem-sabe), pois -- mas eu só sabia inventar palavra e fazer criancices (normal, de piá maroto). Mas mandava, meu pai, olhar para ele! E eu o olhei, vexado, depois, temeroso, à espera dos seus esporros-mais. E os seus olhos ainda mantinham-se vermelhos-raiva, lacrimosos, imprecisos, inamovíveis nos meus que custavam chorar. Talvez o motivo maior de sua fúria fosse essa, que eu, sendo uma criança, eu custasse a chorar. E me dizia que tu anda muito malcriado, moleque! Vai ser homem! Ficar andando com as coisas da tua mãe, coisa de mulher. Tem um pinto no meio das pernas e não sabe usar? Olha para mim enquanto eu falo contigo, guri!!!! E à medida que o tempo passava eu não esboçava nem um pingão de tristura; suas mãos apertavam ainda mais meus braços. Eu era apenas um menino, não suportava tamanha força bruta, tampouco sabia como me safar rapidamente dessas situações. Colocar os sapatos de salto da minha mãe foi só uma brincadeira inocente. Não via outra saída senão pedir desculpas, não vou fazer de novo... Ele, por outro lado, queria se

alongar com aquilo, me perguntando o por que d'eu fazer isso? -- Eu estava só brincando, respondi. Eis!, nada. Que jamais um adulto vai compreender uma atitude inocente de criança. Mas sabia o meu pai que o meu maior sonho, outrora, era me tornar como ele... Quer que eu corte o teu pinto agora? Virar mulher por aí? Vai começar a dar a bunda pra homem que nem uma pu- - -

...mo. No entanto, eu não poderia dizer isso para ela. Sentir toda aquela grandeza em nós não poderia ser roto. E continuava o vento a querer nos levar, a balançar seus cabelos que tampavam seu rosto. Deu-se um momento em que minha sanidade perdeu-se e não sabia mais se o som das ondas vinham da mar ou dela -- e brilhava ainda mais a sol sobre nossas cabeças! Após, caminhamos um pouco até a falésia; ali sentamos na grama com o nosso grupo de viagem. Ela estava tão mais calma, agora. Abria sua mochila para pegar um sanduíche: hora do almoço; uma pausa antes de seguir o passeio que prometia ser mais longo e cansativo. Minha coragem era pouca para virar-lhe e perguntar se ela estava bem agora? -- Que sim, claramente responderia isso ignorando seu rosto ainda vermelho-emoção. Abri minha bolsa e peguei meu sanduíche. Com sede, abri uma garrafa de água que estava salobra, mas lhe ofereci -- Não, respondeu com a cabeça - e, de tal

forma, nos quedamos em silêncio até o final da refeição. E do alto, lá, ainda, a mar muito tempestuosa, longínqua. Pois.

Pela noite, na arrumação do hotel, sentei-me ao seu lado, nos bancos que haviam no meio do corredor do nosso andar. Estava tranqüila, agora, como eu. Divagava, sim. Estava uma quietude danada, e olhamos rapidamente um ao outro com sorriso-de-canto; iniciando uma conversa lhe questionei se estava bem? Bem, tudo bem? Tudo certo. O que achou da praia?, voltei. Linda, muito linda, e riu-se. Ah, também gostei bastante, e sorri -- e sorrimos ambos. No corredor, ninguém. Já era quase tarde-da-noite, que muitos já iam descansar mesmo depois de um longo dia de caminhada e estudos. Estávamos apenas eu e ela: dois notívagos. Eu com falta do que fazer e sono, ela com o costumeiro caderno-amigo, a desenhar. E, curioso, o que tu desenha? -- Uma mão. Eu a assistia contornar, com seu traço único, aquela mão no papel que aos poucos tornava-se de ideia à realidade. Ela, então, me disse que gostava de ficar treinando. Gosto de treinar meu traço. Quando acho tempo na agenda, ou no vai-e-vem do dia-a-dia eu gosto de ficar fazendo esse... ah, esse tipo de coisa. Hum, ri com o nariz sem saber mais o que dizer -- e o que tu gosta de desenhar, além disso? Hum, pensou ela -- ficou divagando por um bom tempo, enquanto detalhava o esboço, Acho que

qualquer coisa. Besteira! Não tenho nada sempre muito definido e muito menos gosto de desenhar uma coisa só toda hora. Gosta de se aventurar, então -- eu continuava, envergonhado das minhas colocações de um inexperiente, achava estar importunando. Gosto, gosto -- Bacana! Fiquei por ali por mais um instante, assistindo. Poderia perguntar a causa de seu choro na praia, do porquê dela ter se emocionado tanto? Mesmo que fossemos amigos (colegas de viagem, que seja), eu queria continuar uma conversa, e somente com ela, e sobre isso em específico. Abri a garrafinha, tomei a água, a vista mais caidinha com a iluminação amarela-escura. Soninho, e olhei para o chão coberto de carpete fofo-rubro. De repente, sinto em meu ombro um leve peso e virando para o lado, vejo sua cabeça encostada em mim, enquanto continuava seu desenho -- que mesmo visivelmente pronto, ainda estava longe de ter um fim seu-definitivo. Já eu não entendia muito disso -- deveria perguntar se ela estava a terminar? Como eu queria ser artista quando pequeno... Tá com sono? Eu? -- É. Um pouco. Ela riu com o nariz. Gosto de ficar contigo. Eu também gosto. O ambiente, nevoento de sono. Eu acho que nunca sei quando um desenho meu fica pronto. Acho que é quando eu sinto no meu coração, olhando por papel, sabe?; olho de perto, olho de longe, faço uma correção ou outra- - -

Eu disse para ele parar de fazer esse tipo de coisa, mas não dá! Parece que esse menino nunca escuta o que a gente fala. Mas não é batendo e chamando ele de marica que tu vai educar o nosso filho! Ouvia meus pais novamente discutindo sobre mim no piso do meu quarto. Discutiam bastante, quase a noite toda -- ou até só onde minha energia me deixava desperto. Tremia a mão de nervoso, soava, meu peito fazia-se carnaval a pensar se em algum momento subiria as escadas o meu pai com a cinta para me lascar o couro de novo e de novo. E mais uma vez, de novo. Nesses pesadelos lúcidos, me tapava com a coberta até o ouvido na tentativa de não escutá-los. No travesseiro, meu coração palpitando -- e era nisso que eu prestava mais atenção, fazendo minha imaginação me tirar disso tudo! Demoradamente o som atenuava, meu corpo amolecia, o escuro se fazia sonho nas pálpebras até ser mais nada e n'outro dia acordar tudo em silêncio-claro. Naquela manhã foi diferente. Desci as escadas e um monte de adultos se conglomeravam na porta, iam de um lado para o outro -- onde estava meu pai? Um as tias vieram-me acolher aos prantos, seguravam-me e queriam me levar embora; mas eu não queria ir embora, eu queria achar os meus pais, entender o motivo de toda aquela gente dentro da sala de casa que não me queriam por perto... Tapavam meus olhos com as

mãos até bem longe, me consolavam no Tudo vai ficar bem!!!!

Dias depois, enfim, descobri o que havia se passado naquela e última madrugada e carreguei, muitos anos depois, a culpa daquilo...

Abri os meus olhos sonhando novamente com essas memórias. A menina balançava-me o ombro com o sorriso no rosto dizendo que você pegou no sono, acho melhor irmos cada um para o seu quarto, né?. É mesmo, amanhã a gente tem que acordar cedo. E os tênis estão me matando, confessava enquanto desfazia o nó dos cadarços do tênis puído de usado. Eu mirava aquele tênis. Que coisa! Uma mulher que não estava calçando sapatos... Com tudo aquilo, e ainda colérico, com a pestana tempestuosa, virem-me para ela e lhe perguntei como se a coragem tivesse apagado do meu peito -- bêbedo de canseira --, por que ela chorava na praia? Ela olhou demoradamente para as paredes, buscando na mente uma resposta concreta e no mínimo compreensível para mim. A tradução foi longa, tardou o bastante para eu me arrepender de ter proferido tamanha cisma até ela sorrir-me bobamente e você me promete não contar para ninguém?, pedir. Assenti positivamente com a cabeça na jura -- ela circunspetou todos os lados, apesar de que, naquelas horas, não teria mais louco algum fora da cama, e me

respondeu. A resposta me jogou em uma quebra de incertezas e fiquei parado, no meio do corredor, enquanto ela guardava seus pertences na mochila. Nos levantamos, enfim, demos um abraço um no outro de boa noite e quando ela virou-se em direção ao seu dormitório, um ei! a chamei. Ela virou-se. Que foi? Eu não sabia mais o que dizer naquele instante que fosse amenizar o meu desejo -- era o meu momento, afinal, de traduzir minha consciência. Olhei para os seus sapatos, depois para os meus, sujos de areia e lama seca de tanto caminhar pela cidade. Voltei para os seus olhos e fui jogado novamente para a visão da praia... Intranquila, ela; e eu também estava um bocado intranquilo... Eu... Eu te Amo - - .





HERANÇA DE AVÔ: UMA HISTÓRIA DE GENEROSIDADE

Ela estava no guarda corpo da varanda da casa do avô, a cabeça pensava mais do que podia caber de pensamento na sua caixola. Estava tentando entender as diferenças de viver no sítio e na cidade. Parecia que quando estava lá se abria um portal de aventuras. O ano acabava de se renovar com o verão ensolarado. Ela acordou cedinho e logo a tia sugeriu que tivesse batatas para o almoço e disse que alguém teria que ir buscá-las. A astuciosa menina se arriscou sugerindo ir colher e para sua surpresa, a proposta foi aceita. Muito faceira ela foi para sua missão. A plantação dos legumes ficava na parte mais alta do sítio, para chegar tinha que andar um pouco subindo as colinas. Ali se sentia segura, como se fizesse parte daquele lugarzinho. Como se ela e a montanha fossem a mesma

coisa. O cheiro da terra era algo que ela não sentia na selva de pedra, ficava encantada com a paisagem. A casa parecia pequenina vista lá de cima, tudo era familiar mesmo não morando ali. Na volta para casa se distraiu quando viu uma poça, lá tinham pequenos seres que habitavam na água turva. Pensou em voltar lá para pegar as larvas e se juntar ao grilo que aparecia todas as noites e as lesmas da horta, fazendo uma coleção de estimação exótica. Voltou rápido para não perder a primeira refeição. O café da manhã era farto da escassez que ali habitava. Teve muito leite tirado das vacas e búfalas, comeram polenta feita numa panela enorme que estava em cima do fogão a lenha, nos dias que tinha pão tinha também a chimia de ovo, que parecia que tinha sido feita pelas deusas do bom paladar, mas este cardápio só aparecia na época de festas ou em alguns domingos. Ajudou na cozinha lavando as batatas que colheu e ficou contente por ter sido útil. Após o almoço não conseguiu escapar da hora da sesta. Ela achava desnecessário a perda de tempo de deitar enquanto ainda estava claro. Era preciso dividir os espaços de descanso que nem sempre eram camas convencionais. Teve que descansar junto com a prima num sofá pequeno, seu cabelo encostou no nariz dela e quando sentiu o odor achou que ele cheirava a galinheiro. As mocinhas da roça não usavam produtos de

farmácia, lavavam com sabão feitos de sebo. As brincadeiras eram criadas com muita imaginação, objetos e coisas inusitadas viravam brinquedos, os de verdade eram raros. Durante a tarde a meninada teve que correr para não levarem uma surra. Brigaram porque todos queriam ser o senhor João Figueiredo, estavam fantasiando serem políticos da época. A rabugenta tia se ressentia com medo dos horrores da ditadura e temia que alguém pudesse ouvir a discussão. Ali era o lugar perfeito para as melhores fantasias infantis. A fuga das sovas se repetiu quando foram descobertos reproduzindo ludicamente a venda do avô. Desta vez estavam no bananal brincando com garrafas velhas que foram enchidas com água fazendo as vezes da cachaça. A buodega não era lugar de criança, mas ela adorava ir lá.

Ficava hipnotizada com o cheiro da pinga e tentava decifrar o que era dito em dialeto alemão pelos bebuns. Sempre que podia estava à espreita atrás da cortina de chita que separava o ambiente mesmo o acesso não sendo permitido. Teve um dia que ultrapassou o limite para resgatar uma recompensa de um favor. Sua prima mais velha tinha prometido que ela podia pegar um doce em troca de levar comida para quem estava na lavoura, tarefa que era sua, mas quis terceirizar. Ao resgatar a recompensa foi pega no flagrante pelo avô e

recebeu o mais temeroso sermão. Não conseguiu se explicar, mas a lição foi aprendida e como se não bastasse foi mandada embora antes. A garota ficou muito sentida, durante o semestre pensou várias vezes no ocorrido e como poderia se retratar, amava o avô e não queria decepcioná-lo. Retornou lá só nas férias do meio do ano. Os pais também tinham ficado bravos, essa era a maneira de castigá-la. Estava na época do feito da farinha, era inverno e durante a produção permaneciam e pernoitavam no engenho. Os pequenos eram responsáveis por descascar a mandioca, as mãozinhas adormeciam na água gelada. Ela estava diferente, mais calada e quase não brincava com as outras crianças. O avô percebeu que o frio não era só da geada que caía e resolveu aquecer o coração da netinha que estava angustiada. Reforçaram os agasalhos e foram ter uma longa conversa no paiol. Ele era firme nas palavras e muito amoroso também, disse para a menina nunca pegar algo que não fosse dela, mesmo que fosse um pequeno objeto. A garotinha ficou aliviada e não quis dizer que pegaria o doce com permissão da prima mais velha que morava na casa. Demonstrando que a generosidade era uma herança do vovozinho amado.



Montmajor

autorias



ABE BEE

Sua curiosidade pelos livros surgiu assim que aprendeu a ler, já em sua primeira história, ela não sabe. Afinal, toda criança é uma boa contadora de histórias, mas só algumas seguem por esse caminho. Cresceu em uma casa barulhenta e cheia de afeto, em um bairro sem livrarias, em um país com muita história a ser contada, em um mundo cheio de experiências a oferecer e, nesse contexto, se encheu de amor, indignação, anseio, raiva e uma série de sentimentos que só poderiam ser expressos de diversas formas, mas que escolheu colocar no papel.

CARLA ALGERI

Jornalista que escolheu a profissão porque gostava de escrever. Fez o curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria e, ainda durante o estágio, no jornalismo impresso, especializou-se em contar as histórias de outras pessoas.

Trabalhou em assessoria de imprensa em vários segmentos.

No mestrado em Jornalismo na UFSC, aprofundou-se no texto acadêmico.

Após o mestrado, começou a atuar com a escrita para a internet e a estudar suas especificidades.

Passou no concurso para jornalista do Instituto Federal de Santa Catarina em 2014 e, desde então, trabalha com o ofício da escrita diariamente: conteúdos para internet, comunicação pública, marketing institucional, e ainda continua contando histórias de pessoas, com o objetivo de divulgar e fomentar a educação pública e gratuita.

Além disso, vive intensamente a maior aventura: ser mãe da Maria Joaquina.

CLARA DUWE LIMA

Aspirante a escritora e cantora. Nasceu no Hospital São José, em março de 2001. Morou em Florianópolis durante os cinco primeiros anos da sua vida e depois se mudou para Jaraguá do Sul, onde viveu até os 12 anos. Depois, voltou a morar em Florianópolis, onde reside até os dias atuais. Há oito anos estuda canto e se apresenta em shows e recitais de sua escola (Go Play), além de compor as suas próprias letras de música e de escrever os seus textos com autenticidade e originalidade. Ela aprende com os seus erros e avança com os seus acertos. Participando de workshops, cursos, imersões e outros eventos, Clara busca se profissionalizar. Atualmente, com 23 anos de idade, está fortalecendo vínculos sociais que a estimulam a se estabilizar tanto pessoalmente, quanto profissionalmente.

DAYSE RODRIGUES NETO

Psicóloga e aspirante a escritora. Escreveu mais de 10 diários, tão secretos que nem ela mesma sabe onde estão. Quando as palavras começam a se juntar e as frases a perseguem, escreve poemas. Organizou um grupo de poesias em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e tentou publicar um livro com esse mesmo grupo. O livro não saiu, mas rolou muita expressão, muito afeto e muita conexão. Recorre às crônicas quando precisa organizar sentimentos, pensamentos e lembranças. Tem uma caixinha cheia de histórias muito bem guardadas, inventadas e reais: algumas ouviu de seu avô, de sua mãe, de seus pacientes, e até das pessoas da outra mesa na praça de alimentação; outras foram vividas por ela. Agora, essas histórias estão exigindo liberdade, e a psicóloga cada vez mais precisa dar lugar à escritora.

FERNANDA CASCAES TEIXEIRA

Doutora e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Fernanda atua como psicóloga clínica na cidade de Florianópolis, onde reside com o marido Guilherme e os filhos Miguel e Vitor. Em 2013, publicou o livro “Notícias da China” a partir dos diários escritos no período em que morou no continente asiático.

A prática clínica, aliada ao exercício da leitura e do viver são sua inspiração para escrever poemas e contos.

FRANCELISE ROMPKOVSKI

Nasceu num dia muito frio de 1987 em Curitiba, onde mora até hoje. Na mesma casa, com seu jardim, seus passarinhos e suas lembranças. Desde sempre se interessou por histórias que, generosos, sua mãe, seu pai, sua avó e seu avô por parte de mãe nunca se negaram a compartilhar com ela. Ao descobrir a leitura, nunca mais abandonou os livros. Acredita que a literatura é um jeito de lidar com a vida, de tentar compreender o mundo e as pessoas, de desembanharar seus fios embolados. Depois de algumas hesitações, foi cursar Letras e aprender mais sobre as grandes e os grandes escritores e seus segredos. Hoje se lança ela mesma no ofício de escrever, tendo encontrado e puxado algumas pontas soltas aqui e ali, desfeito alguns nós e refeito outros para segurá-las na página e com elas tecer uma trama só dela.

LAURA PEREIRA M. OLIVEIRA

Nasceu em Porto Alegre no ano de 2005, mas, aos 4 anos de idade, mudou-se com a família para a cidade de Florianópolis, onde vive desde então. Desenvolveu o amor pela literatura ainda cedo, lendo e relendo livros na infância, e sempre sonhou poder criar histórias como as que a encantavam em suas obras favoritas. Sua primeira empreitada na escrita se deu logo, em meados dos 9 anos de idade, quando tentou compor uma narrativa fantástica – sem escrever mais de dois pequenos capítulos. Redescobriu seu amor pelas palavras através do incentivo dos pais, dos familiares, dos amigos e das aulas de português, sempre acolhida pelas professoras em suas extrapolações nas atividades de redação. Atualmente cursa Bacharelado em Animação na UFSC e procura cada vez mais incorporar a escrita em sua jornada criativa.

MAGNUS FERREIRA DE MELO

Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Catarina. Seu gosto pelos livros começou aos fins do Ensino Fundamental, na virada da década, com a leitura obrigatória dos contos de Machado de Assis; durante a pandemia aprofundou-se tanto pela literatura de outros países quanto do seu. É inclinado na escrita da prosa, porém, estuda o campo da poesia e história literária do Brasil e Portugal. Tem como autores nacionais prediletos Érico Veríssimo, Manuel Bandeira, Cecília Meirelles, João Guimarães Rosa, Gilka Machado, Hilda Hilst entre outros. Além disso, é muito inspirado pela música (em geral) e por peças de teatro - tendo como dramaturgos prediletos Martins Pena e Dias Gomes.

PATRÍCIA HECK

Tem 47 anos, nasceu em Florianópolis e também morou em outros estados do nosso país, Goiás e São Paulo. É mãe de duas pessoas incríveis. Trabalhou bastante tempo com educação, sempre gostou de escrever e deixou este sonho só no papel, literalmente. Em 2022, participou de um projeto que resultou num livro denominado ENTRE JUBAS E PALAVRAS. Vendo o seu "ninho" esvaziar, foi dar novos voos e está realizando um sonho antigo que é escrever.



coleção laboratório de ficção



e-book concebido em fonte Archivo Narrow e Noot
outubro de 2024